

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

5. Adissa (Alemtejo)

Lenda e palacio da moira Adissa e dos negros ou gigantes que guardavam thesouros encantados. — Lenda do monge, que ouve vozes mysteriosas. — Cobra encantada. — Grutas; ossos humanos e fragmentos de vasilhas achados lá. — Casa Movida. — Tanque num penhasco. — Sepulturas (romanas?). — Restos de fundições. — Pedreiras antigas.

a) «He no districto da minha freguesia muito famigerada a serra, a que chamão da Adissa, pelas historias, que d'ella conta a gente rustica da pouoação, em cujas brenhas, por se acharem fabricadas no coração do penhasco varias cavidades com sua fonte de agoa frigidissima, persume muita parte da vulgaridade serem os palacios de huma Moura encantada chamada Adissa, e que concerva nelles grandes riquezas, para quem a desencantar; accrescentando a estes delirios, outros, de que dentro das cavidades ha hum rio, guardado de huns negros ou gigantes encantados, aonde os que quizerem lograr a periciosa destes thesouros hande experimentar certas aventuras, confirmando isto com a tradição de seus antepassados e das noticias que dava hum Monge, que habitava nellas fazendo vida solitaria, de que todas as madrugadas ouvia vozes, que lhe mandavão accender fogo e cuidar da sua obrigação, de que cheo de hum terror panico desamparou a cova e veio a fallecer dentro de pouco tempo; e que havia pessoas que tinham visto recolher para aquellas cavernas huma medonha cobra, e que todo o que a offendia tinha experimentado desastrosos successos; a que ajuntão outras historias desta qualidade, que eu tenho por fabulozas passo a descrever das cavidades da serra a cavidade mais famigerada.

b) Para a parte do Oriente se ve huma cova, a que chamão da Adissa, para a qual se entra por humas escadas, que ali fizerão os Monges que a habitavão haverá quinze ou vinte annos, athe se dar em huma grande cova de figura quasi espherica, toda de pedra, formada nas entranhas do penhasco, tão grande que nelle se pode alojar uma boa companhia de soldados de pe, tendo de altura mais de dous piques. Adornão-lhe os paredes varias pingas de agoa, que suadas do rochedo e convertidas em branca pedra, parecem fieiras de marmore de que ayrosamente se matiza. Tem no meio esta cova huma pedra muito levantada, furada toda por baicho, com comunicação para outros buracós, que forma em cima como uma planicie da mesma figura quasi espherica, á que huns chamão *estrado* outros *pateo*, adonde a gente da serra, e ainda da povoação, fazem as suas

danças pastoriz, e dizem que nesta planicie podem baylar athe dose pessoas; e dahi caminhando por hum buraco muito escuro se vai dar em huma fonte de frigidissima agoa, que sahindo do centro do penhasco é recolhida como em huma pequena pia. Cabe dentro d'esta cavidade hum homem de pe, não tem outra luz mais que a que se lhe comunica da bocca do penhasco, he moradia de aves nocturnas, crião nella gralhas com as pernas e bicôs amarelos.

c) Hum tiro de pedra desta cavidade se acha outra, que, com coriosa averiguação, investigarão os seus segredos tres homens deste povo, dos quaes dous ainda são vivos, e por haver mais de vinte annos, que penetrarão as suas intimidades, não tem particular lembrança das suas dimensões, mais que huma noticia escura, que pode premitir a vida de homens, que occupados nos exercicios rusticos não fazem lembrança de cousas memoraveis. Entrarão, pois, os investigadores d'esta profunda cavidade dependurados de huma corda carreteira por hum bocal, como de hum poço, formado no penhasco, que terá de largura duas varas, pouca mais ou menos, e continuando nesta porporcionada symetria athe ao meio, do meio para baicho conservando sempre a figura circular,—he tão grande que com dous piques se não chega de parte a parte. Via-se para hum lado hum tableiro argamassado de cal e area com alguas caveiras e outros ossos humanos, ja muito carcomidos, e em algumas cavidades pedaços de grandes potes¹, e, entrando desta primeira cavidade para outra com vellas accesas, á porta de huma dellas os inquietou hum rijissimo vento, que com furioso impulso os combatia e os encheo de hum medonho susto, porem, que deichado o terror panico, romperão por muitos buracos², que fazia o rochedo, furados uns para outros de comprimento pouco mais ou menos de sinco ou seis varas e tres ou quatro de largura, athe darem em huma grande cova, como de huma grande praça, e desta passando para outras covas, tão pequenas como as primeiras, vendosse em quasi todas ellas varios buracos; entrarão por hum delles e dahi a hum quarto de legoa, pouco mais ou menos, virão a luz do sol por huma rotura, que fazia o penhasco, e por ella sahirão.

Adornão vistosamente todas estas covas os mesmos fieiros de agoa congelada.....

¹ [Trata-se certamente de uma gruta sepulcral pré-histórica, como a de Carnaxide, descrita n-*O Archeologo Português*, I, 182 sqq. — J. L. DE V.]

² Isto é, galerias.

d) Ha na Serra outra cavidade a que chamão *Casa Moida*, toda de pedra, da figura de huma caza, aonde se diz que se fazia nella forte hum homem, que pellos seus insultos andava refugiado as Justissas, não tem outra porta mais do que a que por onde se entra, e poderão nella caber sette ou outto homens.

e) A mayor parte das agoas da Serra se somem na mesma serra, porque, segundo se entende, toda está minada, e ha boccas de covas por toda a serra, que são tão fundas, que athequi não ha notticias, que ninguem averiguasse a intimidade destas cavernas.

f) Ha tambem na Serra na mancha de Fernão Telles, desta freguesia, hum edificio de figura de hum pequeno tanque, cavado no penhasco, que mais parece banho de mouros que obra da primorosa idea dos Romanos, o qual recolhe as agoas que, chovendo na serra, correm precipitadamente a encher aquella pequena cavidade.

g) Tem-se descoberto nas abbas da Serra em huma quinta, que se faz nas campinas da herdade do Alimo, desta Freguesia, varias sepulturas com suas campas (ou tampas?) de pedra, porem, sem letras, e outras sem pedras, mas todas estas sepulturas com hum vaso dentro, como redoma, entre os quais se achou hum de vidro, outro de gesso, e os mais de barro.

h) Não tem a serra neste districto fontes, nem rios de propriedades raras, nem sei que haja minas de metaes, verdade he, que em alguns sitios da minha freguesia se achão humas pedras soltas, e ha parte aonde se acha huma pedreira destas, com as raizes firmes na terra, cujas pedras soltas, que as ha em abundancia, tirando mais a cor negra do que a cor de chumbo, são mais pezadas do que as outras pedras ordinarias, pelo que parece incluirem algum metal, e se achão tambem varias fezes ou escumalhas de metal fundido, que denota que houve antigamente neste districto fabricas de fundições, que serão do tempo dos romanos.....

i) Tem a serra donde se podem tirar pedras de cantaria e ainda de marmore e outras de varia qualidade, e com effeito em hum sitio desta freguesia a que chamam o Poço do Judeo se achão ainda as minas abertas das pedras que se lavrarão para os edificios de Moura.....» (Tomo I, fl. 251.)

6. Inscrições romanas de Agueda (Beira)

«O dito lugar de Agueda nam tem preuilegios e nos tempos antigos era a celebre cidade Eminio floreceo munto no tempo dos Romanos e ainda em partes se acham pedras com inscristoens daquelle

tempo. Dipois disso foi cidade Episcopal e teue seos bispos que foram Gelazio e Possidonio e Pontanio que assistiram em varios consilios que tras a Historia dos Arcebispos de Braga composta pello Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o mais trazem as estorias portuguezas.» (Tomo I, fl. 389.)

Sobre a verdadeira localizaçãõ de *Aeminio* póde consultar-se um artigo de Borges de Figueiredo no Boletim da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, v, 67.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

À cêrca das antas

O Sr. P.^o J. J. da Rocha Espanca publicou em Villa-Viçosa, em 1894, um opusculo intitulado *Estudo sobre as antas e seus congeneres*, que foi objecto de uma critica do Sr. P.^o José Isidro Brenha, começada a publicar no n.^o 36 (16 de Maio de 1895), d-*A Vida Moderna*, do Porto, e continuada noutros numeros seguintes. O criticado respondeu, o critico treplicou, e aquelle tornou a voltar á questãõ, que actualmente ainda dura, e Deus sabe até quando durará!

Eu, por mim, achei-me tambem envolvido na polemica, e dei a lume no n.^o 25 (27 de Fevereiro de 1896) d-*A Vida Moderna* o seguinte artigo, que aqui reproduzo por lembrança:

«Tenho seguido com alguma curiosidade a questãõ em que os Srs. P.^o Espanca e P.^o Brenha andam empenhados neste jornal. Se venho entremetter-me nella, não é pelo desejo de polemica; mas, como o Sr. P.^o Brenha teve a amabilidade de me consultar á cêrca da signifiçaõ da palavra *anta*, e eu lhe apresentei ideias que o Sr. P.^o Espanca pretende refutar, julgo-me obrigado a defender o que escrevi.

Peço aos leitores que me considerem imparcial na questãõ, pois a ambos os contendedores me ligam relaçaõs de sympathia.

Quando, ha annos, estive pela primeira vez em Villa-Viçosa, o Sr. P.^o Espanca, a quem eu ia recommendado, tratou-me com toda a amabilidade, acompanhou-me na visita aos monumentos da villa, e deu-me quantos esclarecimentos lhe pedi. Eu vim com saudades dos momentos que passei com elle em convivio archeologico, e nunca me esquecerei de que, depois de termos percorrido a villa, ao luar,

